ISSN 2447-746X

DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016

Ridphe_R

(cc) BY

ENTRE SONS, AFETOS E SIGNIFICADOS: A INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO COMO PRÁTICA EDUCATIVA DE PATRIMÔNIOS SONOROS AFETIVOS

Guilherme Ferreira Rodrigues[1]

Elisa Colepicolo[2]

RESUMO

As dimensões afetivas do patrimônio cultural constituem importantes mediadoras das relações entre memória, identidade e território, favorecendo a construção de vínculos de pertencimento e a atribuição de significados às experiências vividas. Nesse contexto, o patrimônio sonoro destaca-se como elemento chave na conexão de indivíduos, lugares e memórias por meio da experiência cotidiana. Este artigo analisa o potencial educativo da Interpretação do Patrimônio aplicada às dimensões sonoras e afetivas dos territórios, buscando compreender como esses elementos podem contribuir para a valorização, a preservação e a salvaguarda do patrimônio cultural. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, fundamentada em revisão bibliográfica, observação de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas em dois estudos de caso no Brasil: o distrito de Conservatória (RJ), reconhecido por sua tradição seresteira, e a cidade de São João del-Rei (MG), marcada pela tradição do toque manual dos sinos. Os resultados evidenciam que os sons constituem componentes centrais das identidades locais e que os patrimônios afetivos oferecem caminhos relevantes para a identificação de referências culturais socialmente significativas. Verificou-se, ainda, que a Interpretação do Patrimônio atua como um processo educativo capaz de ampliar a compreensão dos significados associados aos bens culturais, fortalecendo vínculos de pertencimento e incentivando práticas de preservação. Conclui-se que a articulação entre patrimônio sonoro, patrimônio afetivo e educação patrimonial amplia as possibilidades de reconhecimento e salvaguarda de referências culturais frequentemente invisibilizadas, contribuindo para processos mais participativos, sensíveis e contextualizados de interpretação, valorização e preservação do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Sonoro; Patrimônio Afetivo; Interpretação do Patrimônio.

ENTRE SONIDOS, AFECTOS Y SIGNIFICADOS: LA INTERPRETACIÓN DEL PATRIMONIO COMO PRÁCTICA EDUCATIVA DE LOS PATRIMONIOS SONOROS AFECTIVOS

RESUMEN

Las dimensiones afectivas del patrimonio cultural constituyen importantes mediadoras de las relaciones entre memoria, identidad y territorio, favoreciendo la construcción de vínculos de pertenencia y la atribución de significados a las experiencias vividas. En este contexto, el patrimonio sonoro se destaca como un elemento clave en la conexión entre individuos, lugares y memorias a través de la experiencia cotidiana. Este artículo analiza el potencial educativo de la Interpretación del Patrimonio aplicada a las dimensiones sonoras y afectivas de los territorios,

[1] Universitat de Girona, UdG, Espanha, gui13fr@yahoo.com.br.
[2] Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil, elisac@iduff.br.

ISSN 2447-746X

DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016

Ridphe_R

(cc) BY

con el propósito de comprender cómo estos elementos pueden contribuir a la valorización, preservación y salvaguardia del patrimonio cultural. La investigación adopta un enfoque cualitativo de carácter exploratorio, fundamentado en revisión bibliográfica, observación de campo y entrevistas semiestructuradas realizadas en dos estudios de caso en Brasil: el distrito de Conservatória (RJ), reconocido por su tradición de serenatas, y la ciudad de São João del-Rei (MG), caracterizada por la tradición del toque manual de las campanas. Los resultados evidencian que los sonidos constituyen componentes centrales de las identidades locales y que los patrimonios afectivos ofrecen vías relevantes para la identificación de referentes culturales socialmente significativos. Asimismo, se constató que la Interpretación del Patrimonio actúa como un proceso educativo capaz de ampliar la comprensión de los significados asociados a los bienes culturales, fortaleciendo los vínculos de pertenencia e incentivando prácticas de preservación. Se concluye que la articulación entre patrimonio sonoro, patrimonio afectivo y educación patrimonial amplía las posibilidades de reconocimiento y salvaguardia de referentes culturales frecuentemente invisibilizados, contribuyendo a procesos más participativos, sensibles y contextualizados de interpretación, valorización y preservación del patrimonio cultural.

Palabras clave: Patrimonio Sonoro; Patrimonio Afectivo; Interpretación del Patrimonio.

BETWEEN SOUNDS, AFFECTS, AND MEANINGS: HERITAGE INTERPRETATION AS AN EDUCATIONAL PRACTICE FOR AFFECTIVE SOUND HERITAGE

ABSTRACT

The affective dimensions of cultural heritage play an important mediating role in the relationships between memory, identity, and territory, fostering a sense of belonging and the attribution of meaning to lived experiences. In this context, sound heritage emerges as a key element in connecting individuals, places, and memories through everyday experience. This article examines the educational potential of Heritage Interpretation applied to the sound and affective dimensions of territories, seeking to understand how these elements can contribute to the appreciation, preservation, and safeguarding of cultural heritage. The study adopts a qualitative, exploratory approach based on a literature review, field observation, and semi-structured interviews conducted in two case studies in Brazil: the district of Conservatória (Rio de Janeiro State), renowned for its serenade tradition, and the city of São João del-Rei (Minas Gerais State), known for its tradition of manual bell ringing. The findings demonstrate that sounds constitute central components of local identities and that affective heritage provides meaningful pathways for identifying socially significant cultural references. Furthermore, Heritage Interpretation functions as an educational process that broadens the understanding of the meanings associated with cultural assets, strengthening bonds of belonging and encouraging preservation practices. The study concludes that integrating sound heritage, affective heritage, and heritage education expands the possibilities for recognizing and safeguarding cultural references that are often overlooked, contributing to more participatory, sensitive, and context-based processes of heritage interpretation, valorization, and preservation.

Keywords: Sound Heritage; Affective Heritage; Heritage Interpretation.

ISSN 2447-746X

DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016

Ridphe_R

(cc) BY

ENTRE SONS, AFFECTS ET SIGNIFICATIONS : L'INTERPRÉTATION DU PATRIMOINE COMME PRATIQUE ÉDUCATIVE DES PATRIMOINES SONORES AFFECTIFS

RÉSUMÉ

Les dimensions affectives du patrimoine culturel jouent un rôle essentiel de médiation dans les relations entre mémoire, identité et territoire, en favorisant la construction de sentiments d'appartenance et l'attribution de sens aux expériences vécues. Dans ce contexte, le patrimoine sonore apparaît comme un élément clé reliant les individus, les lieux et les mémoires à travers l'expérience quotidienne. Cet article analyse le potentiel éducatif de l'Interprétation du patrimoine appliquée aux dimensions sonores et affectives des territoires, afin de comprendre comment ces éléments peuvent contribuer à la valorisation, à la préservation et à la sauvegarde du patrimoine culturel. La recherche adopte une approche qualitative à caractère exploratoire, fondée sur une revue de la littérature, des observations de terrain et des entretiens semi-directifs menés dans deux études de cas au Brésil : le district de Conservatória (État de Rio de Janeiro), reconnu pour sa tradition des sérénades, et la ville de São João del-Rei (État du Minas Gerais), réputée pour la tradition de la sonnerie manuelle des cloches. Les résultats montrent que les sons constituent des composantes essentielles des identités locales et que les patrimoines affectifs offrent des voies pertinentes pour l'identification de références culturelles socialement significatives. En outre, l'Interprétation du patrimoine agit comme un processus éducatif permettant d'approfondir la compréhension des significations associées aux biens culturels, de renforcer les sentiments d'appartenance et d'encourager les pratiques de préservation. Il ressort que l'articulation entre patrimoine sonore, patrimoine affectif et éducation au patrimoine élargit les possibilités de reconnaissance et de sauvegarde de références culturelles souvent invisibilisées, en contribuant à des processus plus participatifs, sensibles et contextualisés d'interprétation, de valorisation et de préservation du patrimoine culturel.

Mots-clés: Patrimoine sonore; Patrimoine affectif; Interprétation du patrimoine.

INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural tem sido progressivamente compreendido como uma construção social dinâmica, produzida por processos de atribuição de significados que emergem das relações entre pessoas, lugares e experiências. Nessa perspectiva, o foco desloca-se dos bens patrimoniais em si para as relações culturais que lhes conferem valor, incorporando dimensões sensoriais, emocionais e afetivas à compreensão dos processos de patrimonialização.

Entre essas dimensões, o patrimônio sonoro destaca-se por sua capacidade de conectar indivíduos, memória e território por meio de experiências cotidianas que fortalecem identidades e sentimentos de pertencimento. Apesar de sua relevância, os sons ainda ocupam posição secundária em muitas iniciativas de preservação e educação patrimonial, frequentemente subordinadas a abordagens centradas na visualidade e na materialidade. Como consequência, elementos sonoros dotados de forte significado afetivo para as comunidades tendem a

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

permanecer à margem dos processos formais de reconhecimento e salvaguarda, e inclusive em práticas educativas para o patrimônio cultural.

Diante desse cenário, torna-se pertinente investigar de que maneira a articulação de patrimônio sonoro como patrimônio afetivo, estimulada pela Interpretação do Patrimônio e pela educação pode contribuir para ampliar os processos de reconhecimento, valorização e salvaguarda das referências culturais. Parte-se da compreensão de que os patrimônios afetivos, por emergirem das relações de pertencimento estabelecidas entre sujeitos e territórios, constituem importantes caminhos para a identificação de referências patrimoniais socialmente significativas. Simultaneamente, entende-se que a Interpretação do Patrimônio desempenha um papel fundamental ao promover conexões entre conhecimento, experiência e emoção, configurando-se como uma prática educativa capaz de estimular a reflexão crítica e o engajamento com a preservação cultural.

Com base nessa perspectiva, o presente artigo analisa o potencial educativo da Interpretação do Patrimônio aplicada às dimensões sonoras e afetivas dos lugares, buscando compreender como esses elementos podem fortalecer processos de valorização patrimonial, construção de pertencimento e salvaguarda cultural. Para tanto, são mobilizados dois estudos de caso desenvolvidos em contextos distintos do patrimônio cultural brasileiro: o distrito de Conservatória, no estado do Rio de Janeiro, reconhecido por sua tradição seresteira, e a cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais, cuja identidade cultural está fortemente associada ao toque manual dos sinos.

Estruturalmente, o artigo inicia com uma discussão teórica sobre patrimônio cultural, percepção sensorial, patrimônio sonoro, patrimônio afetivo e Interpretação do Patrimônio, estabelecendo os fundamentos conceituais que orientam a pesquisa. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos e os estudos de caso, destacando os contextos investigados e as estratégias de produção de dados. Posteriormente, os resultados são discutidos à luz das relações entre sonoridade, afetividade, interpretação e educação patrimonial, evidenciando o papel dessas dimensões na construção de significados e vínculos com os territórios. Por fim, as considerações finais sintetizam as contribuições do estudo e apontam caminhos para o fortalecimento de práticas educativas e interpretativas voltadas à valorização dos patrimônios sonoros e afetivos.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

REVISÃO DE LITERATURA

PATRIMÔNIO CULTURAL

O patrimônio cultural pode ser concebido como uma construção social dinâmica, resultante de processos interpretativos que articulam o passado às demandas e valores do presente. Longe de constituir um conjunto fixo de bens, ele envolve a atribuição contínua de significados, bem como a negociação de direitos legais e morais associados a essas interpretações. Nesse contexto, a preservação do patrimônio histórico relaciona-se diretamente à formação das identidades individuais e coletivas, uma vez que o passado atua como matriz simbólica que sustenta sentidos culturais compartilhados (Hewison, 1987; Harrison, 2010). Assim, práticas, objetos e manifestações adquirem relevância não por sua materialidade intrínseca, mas por sua capacidade de operar como signos culturalmente significativos, inseridos em processos sociais mais amplos (Smith, 2006).

A ideia de patrimônio e a forma de identificá-los mudou consideravelmente ao longo do tempo. Regina Abreu (2016) rememora o surgimento do conceito no século XVII, relacionado aos bens acumulados por um indivíduo, depois apropriado culturalmente pela sociedade ocidental moderna de forma mais abrangente, para a coletividade. Entretanto, nos aponta que todas as sociedades humanas possuem suportes materiais e imateriais carregados de significados simultâneos – símbolos de representação e comunicação que, além de sua própria existência, desencadeiam novos processos, mediando mundos distintos “como o mundo dos vivos e o dos mortos, o mundo da vida terrena e o dos espíritos ou do religioso, ou simplesmente, o mundo das crianças e o mundo dos idosos” (Abreu, 2016, p. 63).

Essa noção, de algo valoroso carregado de significados, foi ampliada no pós-guerra, com a incorporação da noção antropológica de cultura à ideia de patrimônio como forma de amenizar os conflitos entre os povos, especialmente dentro de um mesmo território, reconhecendo “como patrimônio as dimensões tangíveis e intangíveis dos bens dos diferentes grupos sociais que compreendem uma Nação, além de lugares e territórios.” (Guerra & Vasconcellos, 2018, pp. 98-99).

Essa ampliação do conceito de patrimônio, impulsionada pelos movimentos socioculturais e ambientais pulsantes a partir dos anos 1960, colaborou para que se deixasse de lado a ideia elitista de patrimônio cultural até então vigente, que dependia de validação de uma

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

instituição oficial ou um grupo de poder[3], por uma ideia mais diversa e participativa, incluindo elementos imateriais e naturais (Guerra & Vasconcellos, 2018).

A literatura contemporânea enfatiza que o patrimônio deve ser analisado como prática social e cultural, relacionada à produção, circulação e legitimação de valores (Smith, 2006). Tal perspectiva desloca o foco do objeto patrimonial em si para os processos de patrimonialização, entendidos como mecanismos de atribuição de significado. Assim, o patrimônio não se limita à materialidade dos bens ou aos seus contextos físicos, mas inclui as práticas de transmissão de conhecimento e as formas de engajamento cultural situadas historicamente (Smith, 2006; Harrison, 2010).

Nessa direção, Kirshenblatt-Gimblett (2001) argumenta que o patrimônio resulta de processos de produção cultural orientados ao passado, sendo, portanto, menos um legado herdado e mais uma construção contemporânea. Consequentemente, ele pode ser entendido como um sistema de símbolos interconectados, cuja coerência depende de cadeias interpretativas e de enquadramentos socioculturais específicos (Harrison, 2010). Essa abordagem converge com Bender (1993), ao conceber o patrimônio como prática cultural ativa, continuamente reinterpretada, apropriada e contestada, configurando-se também como instrumento de poder.

Do mesmo modo, Harvey (2001) ressalta que o patrimônio está inevitavelmente imbricado nas circunstâncias do presente, o que implica reconhecer seu caráter contingente e situado. A articulação entre passado, presente e futuro constitui um dos elementos centrais dessa dinâmica: ao selecionar determinados vestígios de um passado imaginado, o presente define aquilo que será projetado como herança para futuros igualmente imaginados (Tunbridge & Ashworth, 1996).

Essa temporalidade relacional permite ao patrimônio operar como mecanismo de ordenação simbólica, conferindo continuidade e inteligibilidade às transformações sociais (Hewison, 1987; Harrison, 2010). Contudo, tal estabilidade é apenas aparente, uma vez que o patrimônio está em constante processo de reformulação. O patrimônio cultural é um processo contínuo de transformação e ressignificação, assim como a natureza, e não um legado que já se encontra completo. Conforme Ingold (2010), tanto os sujeitos quanto o patrimônio encontram-se em permanente devir, atravessados por processos contínuos de transformação. Nesse

[3] Os “grupos de poder” podem ser diferentes dependendo do contexto de cada local, como por exemplo, um grupo organizado da própria comunidade, o trade turístico, o mercado imobiliário, o Estado, entre outros. Ou seja, são pessoas com forte influência social (e geralmente econômica) com interesses não necessariamente alinhados aos da comunidade.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

contexto, a mudança histórica não representa uma ameaça, mas uma condição para a criatividade, reinvenção e aprendizagem (Turner, 2016), exigindo adaptações constantes dos significados culturais atribuídos ao patrimônio (Holtorf, 2018).

Nossa vivência enquanto seres individuais no coletivo, portanto, deixam marcas, que são sobrepostas e transformadas constantemente, porém, de alguma forma, permanecem e se tornam base para nossa cultura e identidade – marcas estas que Milton Santos (1992) nomeava como *rugosidades*, em alusão ao relevo que ainda vemos de camadas de tintas antigas sobrepostas pela cor de uma pincelada recente. É um processo que congrega história, conhecimento e linguagens distintas de um povo com seu espaço geográfico, que não é breve e nem tem um ponto final, segundo Aguiar et al (2003). Logo, são essas rugosidades que dão sentido à identidade, que nos caracterizam culturalmente. São signos e símbolos que estão sujeitos à ressignificação e revaloração, e, talvez, à elevação à categoria de patrimônio, dependendo de sua relação com a coletividade.

Estes patrimônios se apresentam de diversas formas, como objetos, construções, costumes, técnicas, paisagens, entre tantas outras. Comumente são categorizados em materiais, imateriais e naturais. A incorporação da dimensão imaterial ampliou significativamente o campo analítico, ao evidenciar os processos históricos e sociais que conferem sentido aos bens culturais. Essa perspectiva permite compreender o patrimônio como um fenômeno relacional, no qual dimensões materiais e imateriais se entrelaçam, revelando sua natureza viva e mutável (Cambeiro & Fernández, El patrimonio inmaterial. Madrid: Catarata; UCM, 2014., 2014).

PERCEPÇÃO DO PATRIMÔNIO SENSORIAL

A noção de paisagem cultural, enquanto construção simbólica, amplia o entendimento do patrimônio ao incorporar dimensões perceptivas e experienciais. Conforme Swanwick (2002), a paisagem resulta da interação entre elementos naturais e culturais, mediada pela percepção humana. Tal perspectiva exige uma leitura que ultrapasse a dimensão visível, buscando apreender os significados e valores subjacentes à configuração espacial (Callai, 2000).

Nesse contexto, as paisagens constituem suportes materiais e simbólicos das práticas sociais, sendo simultaneamente transformadas pelos sujeitos e dotadas de significados culturais (Meneses, 2006). A sua compreensão implica reconhecer a relação dialética entre sociedade e natureza, mediada por práticas culturais específicas (Cabrera, Sautu e Del Pulgar, 2011).

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

A abordagem sensorial da paisagem introduz uma dimensão multissensorial ao patrimônio, na qual os cinco sentidos desempenham papel central na construção da experiência (Malanski, 2011; Arruda, 2016). A percepção sensorial atua como mediadora entre sujeito e espaço, gerando experiências individuais profundamente vinculadas à memória e à emoção. Assim, a paisagem sensorial emerge da interação entre estímulos externos e repertórios culturais internalizados. Nessa perspectiva, Palmese et al. (2024) defendem que a compreensão dos espaços urbanos requer a consideração das interações sensoriais — envolvendo experiências de som, luz, cheiro e tato — articuladas aos aspectos físicos, espaciais, culturais e sociais, de modo a captar plenamente a dinâmica que confere vitalidade aos lugares. Para os autores, a abordagem multissensorial amplia as possibilidades de interpretação e apreensão das experiências urbanas e patrimoniais.

Para que essa experiência se concretize, é necessário um sujeito capaz de perceber e um objeto carregado de significados, configurando um encontro que mobiliza dimensões cognitivas e afetivas (Meneguel e Rodrigues, 2021). Essa perspectiva reforça o caráter culturalmente situado da percepção, influenciado por contextos geográficos e sociais específicos.

PATRIMÔNIO SONORO

O patrimônio sonoro insere-se no campo mais amplo das abordagens sensoriais, destacando o papel do som na construção de significados culturais e identidades territoriais. O fenômeno sonoro, em sua complexidade, atravessa múltiplas dimensões da vida social, influenciando práticas culturais e reforçando vínculos afetivos com o espaço (Torgue e Augoyard, 1995; Cambrón, 2005; Carles, 2007).

A compreensão do ambiente sonoro contribui para a formação de paisagens culturais nas quais os indivíduos estabelecem relações mais profundas com seu entorno, mediadas por dimensões comunicacionais e emocionais (Carles, Barrio e Lucio, 1999; Palmese, Kirdar, et al., 2024). Nesse contexto, o conceito de ritmo, segundo Lefebvre (2013), torna-se central para a análise da vida cotidiana, em suma, uma organização repetitiva, que encontra o movimento através do espaço e do funcionamento das vilas e cidades, na vida urbana e rural, revelando padrões temporais que estruturam práticas sociais em diferentes escalas.

As paisagens sonoras culturais, conforme definidas por Schafer (1977), compreendem conjuntos de sons socialmente significativos, como mercados urbanos, sinos de igrejas ou sons costeiros, que carregam valores históricos, estéticos e simbólicos.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

Esses elementos sonoros contribuem para a construção de identidades coletivas e para a preservação de patrimônios culturais e naturais, ao reforçarem a singularidade dos lugares (Torigoe, 2002; Dumyahn e Pijanowski, 2011). Nesse sentido, o som deve ser reconhecido como componente essencial do patrimônio cultural imaterial, uma vez que integra de forma indissociável a experiência cotidiana e a memória social (Yelmi, 2016).

Apesar da predominância histórica da dimensão visual nas interpretações do passado, o som oferece possibilidades analíticas relevantes para aprofundar a compreensão da memória e da experiência patrimonial (Watson e Waterton, 2010). Ele assume um papel singular no âmbito do patrimônio cultural em razão de sua natureza temporal e efêmera, funcionando como um elemento dinâmico de mediação entre práticas culturais e experiências sensoriais (Kato, 2009). A dimensão sonora contribui para a construção de significados compartilhados, ao articular memória, identidade e território em contextos socioculturais específicos. Assim, o patrimônio manifesta-se nas práticas culturais como um sistema de organização e expressão de perspectivas de mundo, no qual o som opera como vetor relacional, conectando estímulos, estruturando percepções e promovendo interações por meio de diálogos sonoros. Essa capacidade de mediação evidencia o potencial do som para revelar camadas intangíveis do patrimônio, frequentemente invisibilizadas por abordagens centradas na materialidade.

Por fim, a experiência sonora deve ser analisada em articulação com o espaço social em que se insere, reconhecendo que escutar, produzir e interpretar sons são práticas culturalmente situadas (Harvey, 2001; Ingold, 2000; Ingold, 2011). Assim, a valorização do patrimônio sonoro requer uma abordagem integrada, que considere a percepção sensorial em sua totalidade, conforme destacado por Hague & Jenkins (2004), promovendo uma compreensão mais holística do patrimônio cultural.

PATRIMÔNIO AFETIVO

Diante da relevância para a vivência cotidiana, portanto, torna-se fundamental considerar os patrimônios imateriais, incluindo sensoriais e sonoros, em seus contextos de produção e reprodução, respeitando sua dinâmica própria e sua inserção em sistemas culturais vivos (Cambeiro, 2015). O patrimônio preservado e salvaguardado corresponde, em grande medida, àquilo que as sociedades desejam manter e comunicar, no entanto, como alerta Prats (2000), os processos de preservação são inevitavelmente seletivos e orientados por interesses contemporâneos, frequentemente associados a critérios utilitaristas.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

Nesse sentido, a integração entre as dimensões sociais e econômicas torna-se condição fundamental para a construção de políticas de conservação mais abrangentes e articuladas (Hernández, 2002). Conforme destaca o autor, tais políticas devem promover a convergência entre o interesse pelo conhecimento e o usufruto do patrimônio cultural e natural, de modo a responder às demandas da sociedade contemporânea. Essa perspectiva reforça a compreensão do patrimônio como um campo interdisciplinar, estruturado por múltiplas escalas de atuação e por diferentes interesses em disputa.

Oliveira e Ribeiro (2019) apontam que, por seu poder de representatividade cultural, salvaguarda da memória e contribuinte das relações sociais, os patrimônios devem ser flexíveis para adaptarem-se ao grupo e assim representá-lo, elaborando sua subjetividade individual e coletiva. São, portanto, mediadores das relações culturais e sociais, e conectores de afetividades através das emoções e da memória. Essa relação pode ser tão forte que, em caso de ausência, com a alteração ou a destruição do patrimônio, a sensação causada pelo trauma pode assemelhar-se ao luto (Halbwachs, 2011).

Diante dessas premissas, compreendemos por meio de Silva (2011) que a partir do momento em que a comunidade se envolve com a identificação e a valorização de seu próprio patrimônio, ele é reconhecido, protegido, revitalizado e pode, de fato, se tornar uma ferramenta para o desenvolvimento. Especialmente quando o território se torna atrativo ao turismo, esse movimento se torna ainda mais necessário, uma vez que as dinâmicas de poder entre os participantes do fenômeno turístico geralmente não são equilibradas e tendem a dar prioridade às relações econômicas em detrimento às socioculturais e ambientais (Paiva, 2013; Dallabrida, 2020). Nestes casos,

> A memória da cultura local — o que a princípio deveria ser preservado — perde-se em prol da criação de grandes cenários para turistas. E o mais grave: na maior parte das vezes, a própria população local, responsável e guardiã das tradições culturais, é expulsa do local da intervenção, pelo processo de gentrificação (Berenstein Jacques, 2008, p. 34).

Ainda segundo Berenstein Jacques (2008), as especificidades de cada local, que tem forte ligação com sua cultura, são o que as tornam diferentes de outros, sendo passíveis de uso para sua individualização na busca por preservação diante dos excessos preservacionistas ou renovacionistas motivados pela ânsia desenvolvimentista e pela exploração turística.

Sem envolvimento comunitário e identitário, é comum que territórios sigam modelos padronizados, “internacionalizados”, homogeneizando materialidades e imaterialidades como

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

forma de oferecer um suposto “desenvolvimento” a partir de um parâmetro considerado “civilizado” em relação a outro “primitivo” (VELOSO, 2006; HALL, GÖSSLING e SCOTT, 2015; ACOSTA, 2016). Ou ainda, que transformem as manifestações culturais em fetiche (VELOSO, 2006), ou seja, produto a ser consumido desmerecendo sua organicidade, a partir da apropriação politiqueira, patrimonialista e privatista do patrimônio cultural.

> Sempre que as manifestações do patrimônio imaterial se transformam em mercadorias, em entretenimento para o consumo, em espetacularização, a ênfase é posta no fetiche. O que sobressai é a relação entre coisas, entre mercadorias e não as relações sociais entre os indivíduos produtores.
> É preciso, portanto, não espetacularizar ou coisificar o patrimônio, seja material ou imaterial, e um dos procedimentos indispensáveis é não perder de vista o sentido que determinada manifestação cultural tem para o grupo que a produz (Veloso, 2006, p. 446).

Logo, para que o coletivo possa se sentir devidamente representado, se identificando enquanto grupo e, consequentemente, se fortaleça e sobreviva às transformações inerentes ao tempo e aos agentes externos, é desejável que o mapeamento dos patrimônios (ação que contempla a identificação, seleção, salvaguarda e exposição) se aproveite desse conector potente que é a afetividade comum de um grupo (Moresco e Ribeiro, 2015; Oliveira e Ribeiro, 2019).

A relevância dada a elementos que afetam de forma intensa e simultânea – individualmente e coletivamente – a vivência de pessoas faz com que esses se tornem elos muito mais fortes e potentes do que outros instituídos por mera formalidade, seja ela histórica, política ou social.

> Diferentemente dos patrimônios oficiais e burocráticos, os patrimônios afetivos são, portanto, a referência memorial desejada e relevante de uma comunidade. Consequentemente, são propulsores de relações e transformações mais saudáveis entre os indivíduos, a coletividade e o território (Colepicolo e Waizbort, 2025, p. 21).

Ao patrimonializarmos a partir da relevância afetiva de algo à sua comunidade, ou seja, identificando, selecionando, elaborando e expondo patrimônios por aclamação coletiva, levando em consideração as relações afetivas humanas e a multissensorialidade inerente à imaterialidade, esses passam a ser fiéis representantes da vivência e identidade local, cumprindo integralmente suas funções socioculturais, e em consequência minimizando as interferências externas ou interesseiras no território.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

O mapeamento dos patrimônios afetivos de uma comunidade, logo, não apenas colabora para uma seleção mais representativa como também para a preservação destes. Isso porque este processo, inevitavelmente colaborativo e coletivo, é também educativo, já que promove a investigação, a observação atenta e a reflexão acerca do que nos rodeia. E isso acontece não apenas durante o processo de mapeamento e patrimonialização – mais efetivo se promovido conscientemente através de musealização (SOARES, 2018) –, mas se repete constantemente a cada vez que é contemplado, por meio do processo que chamamos de interpretação do patrimônio (IP).

INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO

A Interpretação do Patrimônio (IP) constitui um elemento central na articulação entre patrimônio cultural, turismo e comunidades locais, ao atribuir significado a paisagens, saberes, práticas e referências históricas (Murta e Albano, 2002). A apropriação e a interpretação patrimonial resultam de processos sociais e culturais plurais, vinculados a redes de valores, identidades e interesses que reconhecem o patrimônio de maneira diferenciada em distintos contextos (Lyon e Wells, 2012).

O caráter dinâmico do patrimônio cultural também se manifesta na expansão temporal, geográfica e tipológica dos bens reconhecidos como patrimônio (Choay, 2001), bem como na construção de narrativas turísticas fundamentadas em signos, símbolos e referências históricas que contribuem para a representação de comunidades e nações (Soper, 2008; Gagliardi, 2011; 2015). Entretanto, tais narrativas podem reproduzir processos seletivos de patrimonialização, frequentemente dissociados das percepções e experiências das comunidades locais (Tunbridge e Ashworth, 1996).

Nessa perspectiva, a interpretação do patrimônio assume função estratégica ao inter-relacionar preservação, comunicação e desenvolvimento cultural, ampliando a experiência turística e fortalecendo a valorização do patrimônio cultural. Sendo o turismo um exercício de alteridade (Aguiar, Martins e Cardoso, 2003) – uma vez que deixamos nossos lares para visitar as rugosidades em paisagens deixadas por seres com vivências diferentes das nossas –, mais do que transmitir informações, a interpretação busca sensibilizar os visitantes por meio de experiências sensoriais e recursos interpretativos capazes de promover memória, apreciação estética e engajamento com a proteção cultural e ambiental (Murta e Albano, 2002).

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

A origem da IP como atividade consciente é de difícil datação exata, mas os seus fundamentos remetem ao final do século XIX, especificamente aos escritos de John Muir, em 1887. Linnie M. Wolfe (2003) relata que Muir, um naturalista escocês radicado nos Estados Unidos, utilizou a palavra "interpretação" com um contexto muito próximo ao atual, descrevendo a natureza como uma “experiência espiritual”. Ele defendia que o contato com o mundo natural deveria ir além da simples transmissão de informações, devendo ser embebido de emoção, reflexão e significados.

A partir do trabalho de Muir, outros profissionais aprofundaram a relação entre os seres humanos e os patrimônios pela interpretação, como o naturalista Enos Mills (1923), que utilizava a observação direta e a contação de histórias para despertar admiração e respeito nos visitantes, desenvolvendo a filosofia de que as pessoas só protegem aquilo que conseguem entender e com o qual se ligam emocionalmente.

Outro nome relevante foi Freeman Tilden (2007), jornalista, escritor e funcionário do Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos – USNPS, que sistematizou e disseminou globalmente a disciplina com sua obra "*Interpreting Our Heritage*". Nesta obra estabeleceu a primeira definição formal e os seis princípios básicos que regem a prática até hoje: (1) a importância da relação com o visitante; (2) a diferença entre informação e interpretação; (3) a visão de interpretação como arte; (4) o objetivo de provocar, não instruir; (5) a busca pela visão do todo, e não de partes; e (6) a diferenciação na abordagem para adultos e crianças (Tilden, 2007). Nela, também apresenta a diretiva clássica da disciplina, instituída por seu superior, Conrad Wirth, que se tornou mundialmente conhecida: "Por meio da interpretação, a compreensão; por meio da compreensão, a apreciação; por meio da apreciação, a proteção” (Tilden, 2007, p. 8)[4].

Com a disseminação da IP, novos teóricos aprofundaram as bases científicas da área, como Sam Ham, que integrou conceitos da psicologia cognitiva e da comunicação persuasiva à interpretação, propondo o modelo TORA, que defende que a comunicação interpretativa deve ser Temática, Organizada, Relevante e Agradável para provocar mudanças efetivas na percepção do público (Ham, 1992; 2013). Outros autores relevantes incluem David L. Larsen (2003), que desenvolveu o conceito de "Interpretação Significativa" para conectar "corações e mentes", e Gianna Moscardo, que foca no uso de *storytelling*, técnica de contagem de histórias

[4] Do inglês: “Through interpretation, understanding; through understanding, appreciation; through appreciation, protection”.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

utilizada para roteiros de livros e filmes, e na prática de *mindfulness*, técnica de meditação para estímulo da atenção plena (Ballantyne, Hughes e Moscardo, 2007).

No contexto brasileiro, a IP foi formalmente prevista nos regulamentos de parques nacionais a partir de 1979 e consolidada na legislação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, em 2000, sob a denominação de "interpretação ambiental". O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, órgão gestor das áreas protegidas federais, utiliza atualmente a IP como uma estratégia para promover conexões pessoais entre o público e o patrimônio, investindo também na capacitação de comunidades locais.

Com a ampla disseminação da IP, estudiosos e entusiastas passaram a se organizar ao redor do mundo para disseminar a prática. Em 2020 foi formada a Comunidade Lusófona de Interpretação do Patrimônio (CLIP), um coletivo informal que reúne profissionais e pesquisadores de países como Brasil, Portugal, Cabo Verde e Moçambique, oriundos de diferentes campos do conhecimento e com práticas e experiências diversas. Para a CLIP:

> A interpretação do patrimônio utiliza estratégias de comunicação e atividades planeadas para revelar significados, produzir histórias e salientar valores de um lugar, objeto, ou contexto natural ou cultural.
> Muito mais que fornecer dados técnicos ou informação, a interpretação visa criar ligações emocionais dos visitantes ao património, promover a reflexão profunda e valorizar as relações (CLIP, 2026, p. 1).

A visão da CLIP para o contexto lusófono enfatiza a importância da disseminação da IP, da cocriação e do protagonismo dos habitantes locais, que atuam como intérpretes ativos de seus próprios territórios e saberes, transformando a IP em uma ferramenta de valorização identitária e desenvolvimento comunitário. Paralelamente, a IP funciona para os visitantes como uma chave de acesso ao território visitado em toda a sua complexidade, uma vez que aprofunda a conexão e promove entendimentos, identificações e reflexões que não seriam possíveis sem este mecanismo.

Deste modo, como apontam os princípios de Tilden (2007), fica claro que a IP se converte em um processo educativo, melhorando o entendimento do patrimônio no contexto no qual ele está inserido, tanto para moradores como para visitantes, promovendo comunicação com narrativa consciente e educadora, preocupada em ser adequada para cada público.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, adequada à compreensão de fenômenos sociais e culturais em seus contextos de ocorrência. Fundamentada em uma perspectiva interpretativa, a pesquisa busca compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas experiências e práticas, considerando a construção social do conhecimento e a relevância dos contextos socioculturais na produção de sentidos (Strauss e Corbin, 1998; Denzin e Lincoln, 2005; Merriam e Tisdell, 2016). Nessa perspectiva, a investigação privilegia a compreensão dos fenômenos a partir das narrativas, discursos e experiências dos sujeitos envolvidos, articulando interpretação e contextualização como princípios centrais da análise (Frankfort-Nachmias e Nachmias, 1996; Flick, 2009; 2018).

A coleta de dados baseou-se em entrevistas semiestruturadas e observação de campo, técnicas amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas por possibilitarem o acesso tanto aos discursos quanto às práticas observadas em seus contextos naturais (Schmidt, 2004; Merriam e Tisdell, 2016). As entrevistas semiestruturadas permitiram explorar temas previamente definidos, mantendo flexibilidade para aprofundar aspectos emergentes durante a interação com os participantes (Paitán, Mejía, et al., 2014). Complementarmente, a observação de campo possibilitou o registro direto das dinâmicas sociais e culturais investigadas, articulando diferentes evidências empíricas e contribuindo para uma compreensão mais contextualizada do fenômeno estudado (Merriam e Tisdell, 2016).

A pesquisa desenvolve-se a partir de dois estudos de caso realizados em contextos distintos do patrimônio cultural brasileiro. O primeiro corresponde ao distrito de Conservatória, no Estado do Rio de Janeiro, onde foi conduzida uma investigação de base etnográfica articulada à revisão de literatura. O trabalho de campo ocorreu entre fevereiro e maio de 2024, abrangendo quatro visitas ao distrito, totalizando aproximadamente dez dias de observação. Foram empregadas observações sistemáticas, entrevistas informais e semiestruturadas, análise documental, registros em notas de campo e coleta de materiais disponibilizados pela comunidade. Ao todo, participaram da pesquisa 38 colaboradores entrevistados individualmente ou em grupo, além de interações informais realizadas durante observações participantes. O contexto de realização de uma exposição museológica[5] junto à comunidade local proporcionou condições favoráveis para a observação das dinâmicas socioculturais do

[5] Exposição parte do projeto "Conservatória, O Meu Lugar", produzido pelo Instituto Cultural Cidade Viva com patrocínio da Light através da Lei de Incentivo à Cultura.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

distrito, contribuindo para o aprofundamento da análise dos processos de musealização associados ao turismo.

O segundo estudo de caso foi realizado na cidade de São João del-Rei, no Estado de Minas Gerais, durante a Semana Santa de 2023, entre os dias 6 e 9 de abril. A escolha desse período justificou-se por sua relevância simbólica religiosa e cultural para a comunidade local e pela intensa circulação de visitantes. Foram realizadas 30 entrevistas semiestruturadas com turistas em diferentes pontos do centro histórico ao longo das celebrações religiosas. O trabalho de campo permitiu observar as práticas sonoras associadas às festividades, incluindo o toque manual dos sinos nos dias em que a tradição litúrgica o permitia.

Os dados produzidos nos dois estudos de caso foram analisados por meio de procedimentos de análise narrativa e análise de conteúdo, buscando identificar padrões de significado, representações culturais e interpretações compartilhadas pelos participantes em relação aos fenômenos investigados.

CONTEXTO EMPÍRICO

Este artigo examina o papel da interpretação do patrimônio cultural na educação relacionada às dimensões sonoras e afetivas dos lugares, considerando seu potencial para fortalecer ações de preservação e salvaguarda. Nessa perspectiva, a interpretação patrimonial é entendida como um processo educativo capaz de ampliar a compreensão dos valores culturais associados às experiências sensoriais, promovendo formas mais complexas e afetivas de reconhecimento e apropriação do patrimônio durante momento de apreciação.

A abordagem é desenvolvida a partir de dois estudos de caso, mobilizados como contextos empíricos para refletir sobre as relações entre educação, patrimônio e experiência sensível dos lugares. Busca-se compreender de que maneira a interpretação dos elementos sonoros, a partir da afetividade coletiva, pode contribuir para a valorização do patrimônio cultural e para a construção de novas formas de percepção, significação e relação com o mundo.

O primeiro estudo de caso a ser apresentado foi realizado no distrito de Conservatória, na cidade sul-fluminense de Valença, com cerca de 6.500 habitantes, segundo o último levantamento oficial da Prefeitura (Valença, 2013). Parte da região conhecida como Vale do Café, por ter sido o grande polo da produção cafeeira que movimentou a economia do país entre os séculos XIX e XX, hoje o distrito tem sua economia majoritariamente baseada no turismo graças à sua tranquila paisagem rural, arquitetura bem preservada, e ao Movimento Seresteiro.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

Difundida como “Cidade da Serenata / Seresta” por manter ativa há mais de um século as caminhadas cantantes ao ar livre, Conservatória passou a enfrentar conflitos de hospitalidade por ser um território reduzido com turismo intenso.

A pesquisa neste local se baseava na hipótese que trabalhar no turismo os patrimônios afetivos, ou seja, elencados de forma consciente através de musealização pela população local, seria uma forma de diminuir os conflitos de hospitalidade, uma vez que são demonstrativos orgânicos da cultura local e, por isso, menos agressivos aos moradores e mais atrativo aos turistas. É importante apontar que, em consequência, a conscientização sobre patrimônios afetivos se apresenta como um caminho facilitado para a interpretação do patrimônio tanto por moradores como por turistas.

Desta forma, foram mapeados patrimônios afetivos locais a partir do processo museológico conhecido como musealização – que consiste em coleta, identificação, classificação, higienização, acondicionamento, seleção, comunicação e influência social (Soares, 2018) –, sugerindo este como uma metodologia mais consciente, identitária e humanizada de patrimonialização.

A partir das entrevistas realizadas foram identificados 551 termos / elementos classificáveis como patrimônios afetivos do território, que foram categorizados como Coisas (81 termos / elementos), Cultura (117 termos / elementos), Lugares (139 termos / elementos), Pessoas (158 termos / elementos) e Sentimentos (55 termos / elementos).

O legado histórico vinculado à musicalidade do distrito fica evidente no mapeamento: dos 551 termos / elementos identificados, 136 estão direta ou indiretamente conectados à sensorialidade ou sonoridade. Dentre esses patrimônios afetivos há termos / elementos cotidianos como, por exemplo, o apito do trem já extinto, o silêncio que ainda é possível aproveitar nos dias de semana e na área rural, e o linguajar e os maneirismos característicos da forma de falar dos moradores “minhocas da terra”. Entretanto, mais da metade dessa seleção é formada por citações que aludem à serenata ou à seresta, como o nome de canções específicas, instrumentos musicais, nomes de seresteiros, locais marcantes onde ocorrem os eventos, entre outros. Isso se justifica pela existência de um Movimento Seresteiro antigo e bem-organizado, que, de alguma forma, envolve toda a comunidade em situações do passado ou do presente.

As entrevistas apontaram que a ação de “cantar para alguém ao ar livre”, que deu origem à serenata local, pode ter três origens segundo a comunidade: nos grupos de tropeiros a caminho das Minas Gerais na época do ouro, no século XVIII; nos professores de música importados pela elite cafeeira do século XIX; ou na declaração de amor ao piano que um morador fez junto

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

à janela de sua amada, no final do mesmo século. Independente da raiz, a realidade dos fatos é que o hábito se espalhou entre moradores e visitantes, e passou a ser organizado, a partir da década de 1930, por dois veranistas (José e Joubert), conhecidos como Irmãos Borges, que chegaram até a montar um Museu sobre o tema.

Com quase 100 anos desde sua consolidação, o Movimento Seresteiro sofreu alterações com o tempo, sendo a mais profunda delas a sistematização iniciada nos anos 1980, que definiu regras rígidas especialmente relacionadas a horários e rotas dos eventos a fim de atender à demanda de hoteleiros, agentes de turismo e turistas. Essa alteração fez com que as pessoas intitulassem o período do movimento pré-sistematização como “serenata antiga”, e isso desmobilizasse boa parte dos frequentadores e apreciadores. Ainda assim, a comunidade entende a serenata, a seresta, a solarata e todos os elementos que as rodeiam, como parte essencial da vida local.

Há, assim, atividades de estímulo à percepção e educação quanto ao patrimônio sonoro, como, por exemplo, os projetos sociais de educação musical para diversas idades, a exposição sobre o Movimento Seresteiro na Casa de Cultura, e o incentivo por parte de guias e hotéis para que os turistas participem dos eventos musicais e das serenatas, serestas e solaratas.

O segundo caso analisa a relação sensorial e sonora estabelecida por turistas que visitaram a cidade de São João del-Rei, considerando a percepção das tradições presentes em seu patrimônio sonoro e suas articulações com processos de interpretação e educação patrimonial.

O estudo foi realizado no município situado na região centro-sul de Minas Gerais, Brasil, entre as serras de São José e do Lenheiro, cuja paisagem urbana e patrimônio arquitetônico barroco conferem à cidade destaque no circuito histórico-turístico mineiro. Com população estimada em 90.225 habitantes (IBGE, 2022), o município figura entre os destinos turísticos mais visitados do estado (Observatório do Turismo de Minas Gerais, 2022).

A escolha de São João del-Rei como campo empírico relaciona-se à forte tradição do toque manual de sinos, ritual praticado ininterruptamente desde o período colonial brasileiro nos séculos XVII e XVIII, cujo elemento é distintivo da identidade cultural local e referência para o reconhecimento do toque dos sinos e do ofício de sineiro como Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Tal tradição encontra-se incorporada à dinâmica patrimonial e turística da cidade, sintetizada no slogan “A cidade onde os sinos falam”.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

As entrevistas realizadas buscaram compreender a percepção sonora dos visitantes a partir dos sons que marcaram suas experiências na cidade. Entre os elementos mencionados destacaram-se a Maria Fumaça (trem), a matraca, os cursos d'água, aves (tucano), fogos de artifício e sons urbanos (carro). Contudo, o toque dos sinos apresentou predominância expressiva: dos 30 entrevistados, 22 indicaram os sinos como o som mais marcante de sua visita, evidenciando sua centralidade na paisagem sonora e no cotidiano urbano do município.

Os relatos obtidos durante as entrevistas evidenciaram consenso entre os participantes quanto à influência dos sons na experiência turística. Os 30 turistas entrevistados reconheceram que a dimensão sonora interfere diretamente na forma como percebem, vivenciam e interpretam os lugares visitados. No caso de São João del-Rei, os sons mostraram-se elementos constitutivos da experiência sensorial da cidade, contribuindo para a construção de sua ambiência cultural e para o fortalecimento de sua identidade patrimonial e turística. A partir dessa compreensão, o toque dos sinos destacou-se não apenas como elemento marcante da paisagem sonora local, mas também como expressão cultural capaz de mediar memórias, percepções e significados associados à experiência de visitação.

Nesse contexto, destaca-se também o Museu dos Sinos, localizado na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, importante espaço de interpretação patrimonial dedicado à preservação, difusão e mediação educativa do patrimônio sineiro são-joanense. Denominado oficialmente "Sentinelas Sonoras – Museu dos Sinos de São João del-Rei", em referência à obra de André Guilherme Dornellas Dangelo — curador do museu, ex-sineiro e pesquisador natural da cidade —, o espaço articula conhecimento histórico, memória local e experiência interpretativa em torno da tradição sineira. Organizado em sete eixos temáticos, o museu aborda desde a origem dos sinos na tradição católica, sua evolução enquanto instrumento musical e os processos de fundição no Brasil, até aspectos relacionados à formação do sineiro, às características mecânico-metalúrgicas dos sinos e à sua linguagem específica de São João del-Rei. Destaca-se ainda o eixo dedicado à decifração didática da linguagem dos sinos, assim como o inventário campanológico da cidade, que sistematiza cronologicamente as características da coleção local.

A proposta museológica ultrapassa a dimensão expositiva ao promover processos de interpretação patrimonial que possibilitam ao visitante compreender os sinos não apenas como objetos litúrgicos ou elementos da paisagem urbana, mas como bens culturais imateriais vinculados à memória coletiva, às práticas religiosas e à identidade cultural local. Nesse sentido, a própria experiência de visitação — que inclui a subida ao campanário da Igreja do Carmo — favorece uma aproximação sensorial e educativa com o patrimônio sonoro da cidade, ampliando

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

a percepção acerca das tradições culturais de São João del-Rei e de Minas Gerais. O museu constitui, assim, um relevante instrumento de educação patrimonial, contribuindo para a valorização, transmissão e conscientização sobre a importância das tradições dos sinos e do patrimônio cultural sonoro no contexto local, regional e nacional.

DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIFICAÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE PATRIMÔNIOS SONOROS AFETIVOS

A análise dos casos investigados evidencia que as dimensões sonoras das duas cidades constituem componentes significativos de seus patrimônios culturais, influenciando tanto a construção de identidades locais quanto as experiências de residentes e visitantes. Produzidos por práticas socioculturais específicas, esses ambientes acústicos articulam-se às dimensões afetivas dos lugares, reforçando seus significados simbólicos, culturais e turísticos.

Essa centralidade das dimensões sonoras manifesta-se, inclusive, na forma como ambas as cidades são reconhecidas e promovidas socialmente. Conservatória, amplamente identificada como a “Cidade da Serenata / Seresta”, e São João del-Rei, conhecida como a “Cidade onde os sinos falam”, incorporam em suas narrativas identitárias referências explícitas a práticas sonoras historicamente associadas aos seus territórios. Essas denominações revelam como determinados sons transcendem sua função cotidiana para se converterem em referências culturais compartilhadas, capazes de mobilizar memórias, afetos e sentimentos de pertencimento (Oliveira e Ribeiro, 2019).

Nesse contexto, a interpretação patrimonial assume papel relevante ao favorecer o reconhecimento desses valores culturais e ampliar a compreensão das relações entre experiência sonora, identidade e preservação do patrimônio: moradores passam a valorizar, em seu cotidiano, elementos sonoros que despertam sua afetividade comum, ao ponto de serem resguardados de possíveis alterações na paisagem; visitantes são estimulados a perceber e contextualizar os patrimônios sonoros tão caros à vivência e à história da comunidade local. A IP facilita a mediação de mundos apontada por Abreu (2016).

Essa dinâmica, típica do exercício de alteridade promovido pelo turismo (Aguiar, Martins e Cardoso, 2003), é fruto de um processo educativo, uma vez que patrimônios só podem ser identificados mediante um conhecimento prévio da cultura que os sustenta. Em ambos os casos apresentados, esse processo educativo pode ser identificado na estrutura local.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

Em Conservatória, a educação para o patrimônio sonoro se dá por meio de projetos sociais de ensino de música, promovidos por instituições públicas e privadas; do ensino de história nos colégios locais; dos monumentos espalhados pelo distrito, como as placas com nomes de músicas e seus compositores nas fachadas das casas do centro histórico, e as estátuas de José Borges e do Violão; do calendário de eventos promovido pelo município, pela associação que gere o turismo local, pelos hotéis e pousadas, além de promotores particulares; da ampla divulgação dos eventos musicais locais em redes sociais, material especializado e agências de turismo, que atrai visitantes do Brasil e do exterior; das visitas turísticas guiadas, com guias de turismo caracterizados com indumentárias simulando trajes antigos, para contar as histórias locais, incluindo a da Serenata; da exposição permanente do antigo Museu da Seresta, hoje abrigado na Casa de Cultura, e a do Museu Vicente Celestino; e das ações do Movimento Seresteiro, que busca manter sua articulação junto à comunidade, apesar das dissidências internas.

Em São João del-Rei, a articulação entre patrimônio sonoro e educação patrimonial manifesta-se de forma particularmente evidente por meio de iniciativas institucionais voltadas à preservação e interpretação da tradição sineira, entre as quais se destaca o Museu dos Sinos. Ao sistematizar conhecimentos históricos, técnicos e culturais relacionados ao toque manual dos sinos, o espaço contribui para a valorização de uma prática reconhecida como patrimônio cultural imaterial e para sua transmissão às novas gerações, residentes e visitantes. Nesse sentido, o museu desempenha um papel relevante ao ampliar as possibilidades de compreensão dos significados sociais, religiosos e identitários associados aos sinos no contexto são-joanense.

Entretanto, os resultados sugerem que o reconhecimento do toque dos sinos como elemento marcante da experiência turística nem sempre é acompanhado por uma compreensão mais aprofundada de seus significados culturais e de sua inserção na história local. Essa constatação evidencia a importância de fortalecer estratégias de interpretação patrimonial capazes de aproximar os visitantes das múltiplas dimensões simbólicas associadas à tradição sineira. Nesse processo, os sineiros — enquanto detentores de conhecimentos, práticas e memórias vinculadas ao patrimônio sonoro —, podem assumir um papel central, não apenas como guardiões da tradição, mas também como agentes de interpretação e transmissão cultural. A incorporação mais ativa desses sujeitos às ações educativas e interpretativas pode favorecer experiências mais significativas de interação com o patrimônio, ampliando a compreensão acerca dos vínculos entre som, memória, religiosidade, identidade e pertencimento que caracterizam a paisagem cultural de São João del-Rei.

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

Em ambos os estudos de campo, contudo, foram identificados patrimônios sonoros afetivos além da serenata e do badalar dos sinos. Isso significa que, apesar dos esforços educacionais em ambas as localidades serem aparentemente bem estruturados, eles não contemplam todos os patrimônios sonoros que promovem identificação e pertencimento.

Em Conservatória, além da Serenata, da Seresta e da Solarata, os moradores entrevistados identificaram afetivamente uma série de sons que fazem parte da paisagem e da vivência cotidiana. De forma direta, alguns citaram os bailes de forró ou de funk que acontecem na sede da Associação Comercial, Rural, Industrial e Turística de Conservatória (ACRITUR), outros o karaokê que acontece às segundas-feiras e junta os trabalhadores do turismo na Hamburgueria Paulada, e teve quem citasse o barulho que as pedrinhas fazem quando se caminha pela Praça da Matriz. De forma indireta, as identificações sonoras surgiram também na fala sobre crianças que brincam livres pela Praça, na rememoração da extinta Folia de Reis, nos encontros e bate-papos informais com vizinhos conhecidos e desconhecidos pelas caminhadas na Vila, ou enaltecendo o silêncio e a tranquilidade únicos da Vila nos dias de semana, sem a presença de turistas.

Esses apontamentos por parte dos entrevistados deixaram claro que, apesar de considerarem a serenata / seresta como a vedete dos patrimônios locais, outros elementos são tão relevantes para a formação identitária quanto, compondo a paisagem sonora e sensorial que caracteriza o distrito de forma tão peculiar – apesar de não serem tão obviamente identificáveis como patrimônios, mesmo pelos próprios moradores.

Em São João del-Rei, embora o toque dos sinos tenha-se destacado de forma expressiva entre os sons mencionados pelos visitantes, os resultados também revelaram a presença de outros elementos sonoros que contribuem para a construção da experiência sensorial da cidade. Entre eles, foram citados o trem Maria Fumaça, a matraca utilizada nas celebrações da Semana Santa, os sons dos cursos d'água, o canto das aves, os fogos de artifício e os sons cotidianos relacionados à dinâmica urbana. Esses registros demonstram que a paisagem sonora são-joanense é composta por uma diversidade de referências acústicas que coexistem com a tradição sineira e participam da construção dos significados atribuídos ao lugar.

Tal constatação sugere que, embora os sinos ocupem posição central na identidade patrimonial e turística da cidade, a experiência sonora dos visitantes é formada por um conjunto mais amplo de estímulos acústicos que contribuem para a percepção e a interpretação do ambiente urbano. Alguns desses sons encontram-se associados a práticas religiosas e festividades tradicionais, enquanto outros emergem da interação entre patrimônio, natureza e

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

cotidiano. Em conjunto, eles constituem camadas sonoras que reforçam vínculos afetivos, despertam memórias e colaboram para a singularização da experiência de visitação.

Todos esses elementos, extremamente característicos das vivências em seus devidos territórios, apesar de serem parte essencial da identidade endossada pela comunidade local e, desta forma, patrimônios sonoros afetivos, não fazem parte atualmente do conjunto das referências patrimoniais tratadas de forma consciente pela coletividade. Apesar de sua forte relevância (ao ponto de gerar desconforto e até sentimento de luto em caso de perda de algum deles, como apontado por Halbwachs (2011)), a falta de iniciativas que os coloquem em observação, para que possam ser salvaguardados e preservados como a serenata e o toque manual dos sinos, os coloca em sério risco. Afinal, seria Conservatória a mesma coisa sem o riso e os gritos animados das crianças brincando soltas nas ruas, ou São João del-Rei sem o cantar dos tucanos ou o apito de sua Maria Fumaça?

Sob essa perspectiva, esse panorama aponta para a necessidade de ampliar a escuta sobre o patrimônio sonoro para além de seus elementos mais institucionalizados e reconhecidos. A valorização de referências acústicas menos evidentes pode contribuir para processos mais abrangentes de patrimonialização e de interpretação patrimonial, capazes de incorporar a diversidade de experiências sensoriais que constituem a relação das pessoas com os lugares. Ao reconhecer essa pluralidade sonora, ampliam-se também as possibilidades de educação patrimonial, favorecendo formas mais complexas de compreensão, apropriação e salvaguarda dos patrimônios culturais associados à experiência cotidiana.

Fica claro, inclusive, que a patrimonialização nunca deve ser determinada, fixa, visto que o patrimônio é prática cultural ativa, passível de interpretação, apropriação, contestação e transformação, como anteriormente referenciado (Bender, 1993; Kirshenblatt-Gimblett, 2001; Harrison, 2010). Se a cultura é viva, patrimônios também o são e portanto, necessitam constante revisão.

Tal situação se dá igualmente com a educação e a Interpretação do Patrimônio. Uma vez que a própria comunidade pode, a qualquer momento, alterar o que entende como seus patrimônios afetivos, e que a alteração na paisagem pode mudar a forma como a vivência interage com esses patrimônios – especialmente no caso dos sonoros –, os conhecimentos e engajamentos socioculturais transmitidos por eles (Smith, 2006; Harrison, 2010) também estão sujeitos a serem reinterpretados a cada nova contemplação, provendo novos conhecimentos. Esse caráter dinâmico é reforçado pelo fato de que a experiência dos lugares é continuamente construída e reconstruída por meio das interações sensoriais que os indivíduos estabelecem com

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

o ambiente. Nessa perspectiva, memórias, imaginações e afetos mobilizados pela escuta contribuem para reinterpretação e reflexão constantes dos espaços e das paisagens (Urry, 2002; Selby, 2010).

Os sons, portanto, não atuam apenas como atributos do ambiente, mas como elementos capazes de produzir significados, fortalecer vínculos afetivos e ressignificar experiências patrimoniais ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permite reiterar o entendimento do patrimônio cultural como uma construção social dinâmica e contínua, resultante de processos interpretativos que articulam o passado às demandas e valores do presente. Longe de constituir um conjunto fixo de bens, o patrimônio opera como uma matriz simbólica que sustenta sentidos culturais compartilhados, onde a preservação se relaciona diretamente à formação das identidades individuais e coletivas.

Nesse cenário, a percepção sensorial assume um papel mediador fundamental, pois a experiência multissensorial – envolvendo som, luz, cheiro e tato – amplia as possibilidades de interpretação do espaço vivido e das paisagens culturais. O patrimônio sonoro, em sua natureza efêmera e temporal, emerge como um componente essencial da memória imaterial, funcionando como um vetor relacional que estrutura percepções e fortalece vínculos afetivos com o território.

A identificação desses vínculos são, portanto, a melhor forma de se mapear patrimônios, pois são as referências memoriais que uma comunidade considera genuinamente relevantes e caras, constituindo elos mais potentes do que aqueles instituídos por meras formalidades políticas ou sociais. Esses patrimônios, portanto, determinados como afetivos, são carregados de significados, identidade e, logo, mais facilmente contextualizáveis para visitantes.

Para revelar esses significados, a Interpretação do Patrimônio (IP) atua como ferramenta estratégica, buscando não apenas instruir, mas provocar reflexões e conectar “corações e mentes”. Consequentemente, a IP estabelece uma relação intrínseca com a educação, convertendo-se em um processo educativo contínuo que melhora o entendimento do patrimônio em seu contexto original, promovendo o engajamento consciente de moradores e visitantes.

Os estudos de caso conduzidos em Conservatória (RJ) e São João del-Rei (MG) forneceram a base empírica para essas reflexões, demonstrando como a sonoridade e o afeto

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

estruturam as identidades locais. No distrito de Conservatória, o mapeamento por musealização identificou 551 termos / elementos classificáveis como patrimônios afetivos, dos quais 136 estão diretamente conectados à musicalidade, e mais da metade à serenata e ao Movimento Seresteiro, evidenciando como ambos são partes essenciais da vida local, apesar dos conflitos internos e de hospitalidade.

Em São João del-Rei, a tradição do toque manual dos sinos consolidou-se como o elemento distintivo da paisagem cultural, sendo reconhecido pela vasta maioria dos turistas como o som mais marcante da experiência na cidade, ao ponto de motivar a manutenção de um museu específico sobre o tema.

A discussão a partir desses contextos revelou que, embora ambas as cidades possuam estruturas interpretativas e educativas em relação aos patrimônios sonoros locais — como o Museu dos Sinos e projetos de educação musical, por exemplo —, ainda persiste a necessidade ética e social de evitar que as manifestações culturais se transformem em fetiche ou espetacularização.

Diante do exposto, considera-se que os patrimônios sonoros principais, as chamadas "vedetes" culturais, como a serenata e o toque manual dos sinos, precisam ser devidamente interpretadas e analisadas a partir da relação de afetividade da vivência local. Essa abordagem assegura que esses bens não sejam percebidos apenas como objetos litúrgicos ou atrações turísticas, mas como veículos de memórias e subjetividades coletivas que dão sentido à existência da comunidade. Ou seja, que esses patrimônios não sejam enfatizados como mercadorias ou produtos, e sim como frutos de relações sociais entre os indivíduos que os promovem. Isso exige que as políticas de salvaguarda nunca percam de vista o sentido orgânico que a manifestação possui para o grupo que a produz.

Além disso, observou-se que os patrimônios sonoros complementares — como o apito do trem, o canto das aves, o linguajar local, ou o silêncio da área rural — em geral sequer são identificados formalmente como patrimônio, apesar de sua extrema importância para formação da identidade do território tal como é. Tais elementos acústicos periféricos precisam ser valorizados e trabalhados, uma vez que sua ausência ou destruição pode causar um trauma social assemelhado ao luto, descaracterizando a essência e o sentimento de pertencimento dos sujeitos ao lugar.

A viabilização dessa salvaguarda integral dá-se através do mapeamento desses patrimônios afetivos, com o envolvimento ativo e constante de moradores e visitantes, que pode ser feito pelo processo de musealização, oportunizando a educação para a interpretação do

ISSN 2447-746X
DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016
Ridphe_R
(cc) BY

patrimônio. Esse processo colaborativo incentiva a observação atenta e a reflexão crítica, permitindo que a comunidade assuma o protagonismo na seleção de suas referências e minimize interferências externas.

As discussões apresentadas neste trabalho apontam para a ampliação de perspectivas investigativas voltadas à compreensão da multissensorialidade como dimensão constitutiva da gestão patrimonial, bem como à formulação de espaços musealizados orientados por relações mais orgânicas, participativas e afetivamente significativas entre os sujeitos e suas referências patrimoniais.

É fundamental que os patrimônios sonoros afetivos sejam utilizados como ferramenta de conexão entre as pessoas e o território que vivem ou visitam, conferindo ênfase absoluta à contextualização destes pela interpretação do patrimônio e pela educação, inclusive escolar. Ao incluir essas referências no currículo, permite-se que os estudantes compreendam o patrimônio como uma prática cultural identitária ativa e em permanente devir, garantindo que as rugosidades continuem a fazer sentido e ajudem a pautar as transformações, inevitáveis a qualquer território, com mais responsabilidade.

Em última instância, este estudo reforça que a preservação do patrimônio sonoro não depende apenas de instrumentos de salvaguarda, mas, sobretudo, da capacidade de educar para a escuta, para a sensibilidade e para a atribuição de significados. Ao articular patrimônio sonoro afetivo e Interpretação do Patrimônio, evidencia-se que os processos educativos desempenham papel central na construção de vínculos entre as pessoas e os lugares que habitam ou visitam. Mais do que transmitir conhecimentos sobre bens culturais, a educação patrimonial possibilita compreender o patrimônio como prática social viva, continuamente reinterpretada pelas experiências, memórias e afetos das comunidades.

Nesse sentido, interpretar o patrimônio é também educar para o reconhecimento da diversidade cultural, para o fortalecimento das identidades coletivas e para a construção de uma cidadania comprometida com a valorização e a salvaguarda das referências culturais, permitindo que elas continuem a produzir sentidos, alimentar vínculos de pertencimento e orientar, de maneira crítica e sensível, as transformações inerentes à vida social e aos territórios.

ISSN 2447-746X

DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016

Ridphe_R

(cc) BY

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Memória social: itinerários poéticos-conceituais. Por que memória social? - Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**. Rio de Janeiro, 2016. 41-66.

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breta. São Paulo: Editora Elefante/Editora Autonomia Literária, 2016. Disponível em: https://crabgrass.riseup.net/bem_viver/bem-viver-alberto. Acesso em: 18 mai. 2026.

AGUIAR, Maria; MARTINS, José; CARDOSO, Gleudson. Reflexões sobre hospitalidade no contexto turístico. **Turismo, Visão e Ação**, v. 5, n. n. 3, 2003. 305-313. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1109. Acesso em: 05 mai. 2026.

ALONSO CAMBRÓN, Miguel. Etnografía Sonora: Reflexiones Prácticas [Practical Reflections on Sound Ethnography]. **Revista Sarasuati**, 1, n. 4, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/202413/Etnograf%C3%ADa_sonora_Reflexiones_pr%C3%A1cticas_Practical_Reflections_on_Sound_Ethnography_. Acesso em: 13 mai. 2026.

ARAUJO, Raniery S. G. D.; GODOY, Karla E. **O Turismo como fenômeno sociocultural:** reflexões para além da atividade econômica. Anais do Seminário da ANPTUR. São Paulo: [s.n.]. 2016.

ARRUDA, Luciana M. S. Geografia na infância para alunos com deficiência visual: a utilização de uma maquete multissensorial para a aprendizagem do conceito de paisagem. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, 6, n. 11, 2016. 208-221. Disponível em: https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/379. Acesso em: 28 abr. 2026.

BALLANTYNE, Roy; HUGHES, Karen; MOSCARDO, Gianna. **Designing Interpretive Signs:** Principles in Practice (Applied Communications). 1ª. ed. Golden, Colorado, U.S.A.: Fulcrum Inc.,US, 2007.

BENDER, Barbara. Introduction: landscape, meaning and action. *In*: BENDER, Barbara **Landscape:** politics and perspectives. Oxford: Berg, 1993.

BERENSTEIN JACQUES, Paola. Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo? **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, América do Norte, 6 dez 2008. Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/ article/view/3229/2347. Acesso em: 03 mai. 2026.

CABRERA, Antonio T.; SAUTU, Claudia Z.; DEL PULGAR, Mercedes L. G. El jardín en la formación del paisaje histórico urbano de Sevilla. *In*: II, criterios, M. Y. E. A. /. C. P. R. F.-B. C. P. S. E. N. S. **El paisaje histórico urbano en las ciudades patrimonio mundial:** indicadores para su conservación y gestión. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura, 2011. p. 123-163.

CALLAI, Helena C. **Ensino de geografia:** práticas e textualizações do cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAMBEIRO, Sara G. **La salvaguarda del patrimonio inmaterial en España**. Madrid. 2015.

CAMBEIRO, Sara G.; FERNÁNDEZ, Maria Á. Q. **El patrimonio inmaterial**. Madrid: Catarata; UCM, 2014. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2014. 136 p.

CARLES, José L.; BARRIO, Isabel L.; LUCIO, José V. D. Sound influences on landscape value. **Landscape and Urban Planning**, 43, 1999. 191–200. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0169204698001121?via%3Dihub. Acesso em: 03 abr. 2026.

CARLES, José. L. **El paisaje sonoro:** una herramienta interdisciplinar: análisis, creación y pedagogía con el sonido. Encuentros Iberoamericanos Sobre Paisajes Sonoros. Madrid: [s.n.]. 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CLIP, Comunidade L. D. I. D. P.-. Início. **CLIP - Comunidade Lusófona de Interpretação do Património**, 2026. Disponível em: https://interpretacaodopatrimonio.org/. Acesso em: 11 mai. 2026.

COLEPICOLO, Elisa; WAIZBORT, Karla E. G. Patrimônios afetivos para o turismo: O uso da musealização para uma (con)vivência saudável entre moradores e turistas. **Mosaico**, Rio de Janeiro, 17, n. 28, 30 out. 2025. e1728202503. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/93366. Acesso em: 26 abr. 2026.

DALLABRIDA, Valdir R. Território e governança territorial, patrimônio e desenvolvimento territorial: estrutura, processo, forma e função na dinâmica territorial do desenvolvimento, v. 16, p. 63-78, mai-ago 2020. ISSN 1809-239X.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introduction: the discipline and practice of qualitative research. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S.; (ED) **The Sage handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005. p. 1-32.

DUMYAHN, Sarah ; PIJANOWSKI , Bryan. Soundscape conservation. **Landscape Ecology**, 26, n. 9, 2011. 1327–1344.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. **Managing quality in qualitative research**. 2. ed. London: Sage Publications, 2018.

FRANKFORT-NACHMIAS, Chava; NACHMIAS, David. **Research methods in the social sciences**. 5. ed. London: Edward Arnold, 1996.

GAGLIARDI, Clarissa M. R. **As cidades do meu tempo:** a experiência do turismo em Bananal - SP. São Paulo: Annablume e FAPESP, v. 1, 2011. 122 p.

GAGLIARDI, Clarissa M. R. O patrimônio cultural como atrativo turístico. *In*: ANSARAH, Marília G. D. R.; PANOSSO NETTO, Alexamdre (.). **Produtos turísticos e novos**

segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização. São Paulo: [s.n.], 2015. p. 149-162.

GUERRA, Marília F.; VASCONCELLOS, Camilo D. M.. Museologia e turismo de base comunitária em reservas extrativistas: diálogos possíveis. **RITUR Revista Iberoamericana de Turismo**, v.8, n. 4, 2018. 96-114.

HAGUE, Cliff; JENKINS, Paul. **Place identity, participation and planning**. London: Routledge, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2a Edição, 5a Reimpressão. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

HALL, C. M.; GÖSSLING, D. S.; SCOTT, Daniel. The evolution of sustainable development and sustainable tourism. *In*: HALL, C. M.; GÖSSLING, D. S.; SCOTT, Daniel. **The Routledge Handbook of Tourism and Sustainability**. London and New Yoirk: Routledge:, 2015. p. 15-35.

HAM, Sam H. **Environmental interpretation:** A practical guide for people with big ideas and small budgets. Fulcrum Press, Golden, Colorado, U.S.A.: North America Pres, v. 1º, 1992.

HAM, Sam H. **Interpretation – Making a Difference on Purpose**. 1ª. ed. Golden, Colorado, U.S.A.: Fulcum Publishing, 2013.

HARRISON, Rodney. **Understanding the Politics of Heritage (Understanding Global Heritage MUP)**. 1. ed. Manchester: Manchester University Press, 2010.

HARVEY, David. C. Heritage pasts and heritage presents: temporality, meaning and the scope of heritage studies. **International Journal of Heritage Studies**, 7, n. 4, 2001. 319-338. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13581650120105534. Acesso em: 01 jun. 2026.

HERNÁNDEZ, Francisca. H. **El patrimonio cultural:** la memoria recuperada. Gijón: Trea, 2002.

HEWISON, Robert. **The heritage industry:** Britain in a climate of decline. London: Methuen, 1987.

HOLTORF, Cornelius. Embracing change: how cultural resilience is increased through cultural heritage. **World Archaeology**, 50, n. 4, 2018. 639-350. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00438243.2018.1510340. Acesso em: 02 abr. 2026.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment:** essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. No more ancient; no more human: the future past of archaeology and anthropology. *In*: GARROW, Duncan; YARROW, Thomas (.). **Archaeology and anthropology**. Oxford: Oxbow, 2010. p. 160-170.

INGOLD, Tim. **Being alive:** essays on movement, knowledge and description. London: Routledge, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**. 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/. Acesso em: 25 jun. 2026.

KATO, Kumi. KATO, K. Soundscape, cultural landscape and connectivity. **Sites**, 6, n. 2, 2009. 80-91. Disponível em: https://sites.otago.ac.nz/Sites/article/view/123. Acesso em: 01 mai. 2026.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. La cultura de les destinacions: teoritzar el patrimoni. **Revista d'Etnologia de Catalunya**, 2001. 44-61. Disponível em: https://raco.cat/index.php/RevistaEtnologia/issue/view/4107. Acesso em: 15 abr. 2026.

LARSEN, David L. **Meaningful Interpretation:** How to Connect Hearts and Minds to Places, Objects, and Other Resources. 1ª. ed. Fort Washington: Eastern National , 2003.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Oxford: Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis:** space, time and everyday life. London: Bloomsbury, 2013.

LEUS, Maria; HERSSENS, Jasmien. The soundscapes of Antwerp: a study on the acoustic genius loci. **Energy Procedia**, 78, 2015. 25-30. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S187661021501841X?via%3Dihub. Acesso em: 09 mai. 2026.

LYON, Sarah; WELLS, E. C. Ethnographies of global tourism: cultural heritage, economic encounters, and the redefinition of impact. *In*: LYON, Sarah; WELLS, E. C. (.). **Global tourism:** cultural heritage and economic encounters. Lanham: Rowman, 2012.

MALANSKI, Lawrence M. Geografia escolar e paisagem sonora. **Raega – O espaço geográfico em análise**, 22, 2011. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21775. Acesso em: 18 abr. 2026.

MENEGUEL, Cinthia R. D. A.; RODRIGUES, Guilherme F. A paisagem sensorial como experiência turística gastronômica: o caso do Queijo Minas Artesanal. *In*: SUZUKI, Júlio C.; ARAÚJO, Gilvan C. C. D.; BITELLI, Fabio M. (.). **Culturas Alimentares na América Latina**. 1. ed. São Paulo: FFLCH/USP, v. 1, 2021. p. 184-204. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/674. Acesso em: 07 jun. 2026.

MENESES, José N. C. **Queijo Artesanal de Minas: patrimônio cultural do Brasil**. Belo Horizonte. 2006.

MENESES, Ulpiano T. B. D. A paisagem como fator cultural. *In*: YÁZIGI, Eduardo (.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MERRIAM, Sharan B.; TISDELL, Elizabeth J. **Qualitative research:** a guide to design and implementation. 4. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

MILLS, Enos. **Adventures of a Nature Guide and Essays in Interpretation**. 1a. ed. Garden City, New York: Dubleday, Page & Company, 1923.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO DE MINAS GERAIS. **Demanda turística**. 2022. Disponível em: https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/?p=5313. Acesso em: 27 out. 2025.

OLIVEIRA, Milena B.; RIBEIRO, Diego L. Patrimônios Afetivos: Um Novo Recurso para o turismo em Morro Redondo-RS, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 11, n. n. 4, 2019. 846-856. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473561122006. Acesso em: 30 abr. 2026.

OLIVEIRA, Milena B.; RIBEIRO, Diego L. Uma proposta metodológica para um novo pensamento: patrimônios afetivos. **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST**, Rio de Janeiro, v. 12, n. nº 1, 2019. 235-248. Disponível em: http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/731. Acesso em: 09 mai. 2026.

PAITÁN, Humberto Ñ. et al. **Metodología de la investigación cuantitativa-cualitativa y redacción de la tesis**. 4. ed. Bogotá: Ediciones de la U, 2014.

PAIVA, Ricardo A. Sobre a relação turismo e urbanização. **Pós. v.20 n.33**, São Paulo, junho 2013. 126-145.

PALMESE, Cristina et al. A multisensorial approach to urban space: placemaking through sensory insights. *In*: PALMESE, Cristina, et al. **Placemaking in Practice Volume 3**. [S.l.]: Brill, v. 3, 2024. p. 245-282. Disponível em: https://brill.com/display/book/9789004691926/BP000017.xml?srsltid=AfmBOoqvA_s8OSOijRqRV77Mom_CA_tep3sEYFCQd8UPBmqspiDqne-5. Acesso em: 27 jun. 2026.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Cuadernos de Antropología Social**, 2000. 115-136. Disponível em: https://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/CAS/article/view/4709/4206. Acesso em: 16 mai. 2026.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1992.

SCHAFER, R. M. **The soundscape:** our sonic environment and the tuning of the world. Rochester: Destiny Books, 1977.

SCHMIDT, Christiane. The analysis of semi-structured interviews. *In*: FLICK, Uwe, *et al*. **A companion to qualitative researc**h. Thousand Oaks: Sage Publications, 2004.

SELBY, Martin. People-Place-Past: The Visitor Experience of Cultural Heritage. *In*: WATSON, Steve; WATERTON, Emma. **Culture, Heritage and Representation:** Perspectives on Visuality and the Past. London: Routledge, 2010. p. 39-56. Disponível em:

https://pure.hud.ac.uk/en/publications/people-place-past-the-visitor-experience-of-cultural-heritage/. Acesso em: 18 mai. 2026.

SILVA, Sandra S. D. A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: Considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. **Aurora**, Ano V, n. 7, jan 2011. p. 106-113. Disponível em: www.marilia.unesp.br/aurora. Acesso em: 17 set. 2024.

SMITH, Laurajane. **Uses of Heritage**. Abingdon: Routledge, 2006.

SOARES, Bruno C. B. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, 2018.

SOPER, Anne K. Mauritian landscapes of culture, identity, and tourism. *In*: KNUDSEN, Daniel C. (. **Landscape, tourism, and meaning**. London: Ashgate, 2008. p. 51-64.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research:** techniques and procedures for developing grounded theory. 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

SWANWICK, Carys. **Landscape Character Assessment:** Guidance for England and Scotland. [S.l.]: Scottish Natural Heritage & The Countryside Agency, 2002.

THRIFT, Nigel. **Performance and. Environment and Planning A:** Economy and Space, 35, 2003. 2019-2024. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a3543a. Acesso em: 28 mai. 2026.

TILDEN, Freeman. **Interpreting Our Heritage**. 4a. ed. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007.

TORGUE, Henrique; AUGOYARD, Jean-François. **À l'écoute de l'environnement:** répertoire des effets sonores. Marseille: Parenthèses, 1995.

TORIGOE, Keiko. A city traced by soundscape. *In*: JÄRVILUOMA, Helmi; WAGSTAFF, Gregg. (.). **Soundscape studies and methods**. Vaasa: Ykkösoffset, 2002. p. 39-58.

TUNBRIDGE, John. E.; ASHWORTH, Gregory J. **Dissonant heritage:** the management of the past as a resource in conflict. Chichester: Wiley, 1996.

TURNER, Michael. Disaster Resilient World Heritage Cities. *In*: TURNER, Michael. **Proceedings of the International Expert Meeting on Cultural Heritage and Disaster Resilient Communities within the Framework of the Third UN World Conference on Disaster Risk Reduction (WCDRR), 11–17 March 2015**. Tokyo: National Institutes for Cultural Heritage, 2016. p. 158-160.

URRY, John. Mobility and proximity. **Sociology**, 36, n. 2, 2002. 255-274. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038038502036002002. Acesso em: 02 jun. 2026.

VALENÇA, Prefeitura M. D. Secretarias. **Prefeitura Municipal de Valença**, 2024. Disponível em: https://valenca.rj.gov.br/secretarias/. Acesso em: 27 out. 2024.

ISSN 2447-746X

DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v12.22016

Ridphe_R

(cc) BY

VELOSO, Mariza. O Fetiche do Patrimônio. **Revista Habitus**, Goiânia, 4, n. n.1, jan-jun 2006. 437-454. Disponível em: http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/v iewFile/363/301. Acesso em: 19 abri. 2026.

WATSON, Steve; WATERTON, Emma. **Culture, Heritage and Representation:** Perspectives on Visuality and the Past. 1. ed. Farnham: Ashgate, 2010.

WOLFE, Linnie M. **Son of the Wilderness:** The Life of John Muir. 2 Expanded. ed. [S.l.]: University of Wisconsin Press, 2003.

YELMI, Pinar. Protecting contemporary cultural soundscapes as intangible cultural heritage: sounds of Istanbul. **International Journal of Heritage Studies**, 22, n. 4, 2016. 302-311. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13527258.2016.1138237. Acesso em: 03 jun. 2026.

Recebido em: 30 de julho de 2026.
Acesso em: 05 de novembro de 2026.